

Material de apoio ao professor



LIVRO

Os cavalinhos de Platiplanto: Contos

AUTOR

José J. Veiga

CATEGORIA 2

Obras literárias do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

TEMAS

Ficção científica, mistério e fantasia
Conflitos da adolescência
Encontros com a diferença

GÊNERO LITERÁRIO

Conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular



AUTORIA

Luiz Guilherme Fernandes da Costa Sakai
Especialista da Comunidade Educativa
CEDAC

COORDENAÇÃO

Fátima Fonseca
Coordenadora da Comunidade Educativa
CEDAC

ARTIVROS

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luíza Couto

Patricia Calheiros

Sumário

Carta ao professor	4
Estrutura do material de apoio	5
Contextualização	5
O autor	6
Gênero e estilo	7
Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental	9
Conversas em torno da leitura dessa obra	12
Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa	15
Atividade 1: As imagens mágicas	17
Pré-leitura	17
Leitura	18
Pós-leitura	20
Atividade 2: A Ilha dos Gatos Pingados, da insatisfação à expressão	20
Pré-leitura	20
Leitura	21
Pós-leitura	23
Atividade 3: Um livro regional?	24
Pré-leitura	24
Leitura	25
Pós-leitura	25
Possibilidades interdisciplinares	26
Arte	27
História	27
Bibliografia comentada	28

Carta ao professor

Cara professora, caro professor,

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, por fornecer múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive. Bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e oferecem ao leitor variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p. 21). Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental uma experiência que toca, atravessa e transforma o leitor — e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido por especialistas em educação, literatura e didática da leitura, sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. Na produção deste material, houve cuidado de contemplar a análise dos aspectos literários da obra e de propor situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões sobre a obra e seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — nesse caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DE APOIO

Este material visa apoiar o trabalho com o livro *Os cavaleiros de Platilante: Contos*. As propostas aqui apresentadas são apenas sugestões de encaminhamento para os principais temas da obra e os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura. Ele está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** informações importantes sobre a obra, o autor, o gênero e as características do estilo literário.
- **Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura desse livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora dos estudantes, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).
- **Conversas em torno da leitura dessa obra:** indicações relacionadas às práticas pedagógicas de leitura na escola, considerando as concepções que embasam a formação do leitor e o objeto de ensino da Língua Portuguesa.
- **Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa:** três propostas para encaminhar a apreciação do livro em sala de aula, com atividades organizadas em pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura.
- **Possibilidades interdisciplinares:** sugestões para ampliar a apreciação da obra e o aprofundamento dos temas, relacionando com outras áreas do conhecimento.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras citadas no material, com breves comentários.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O que é, afinal, o mágico, o fantástico? Usamos essas palavras para designar acontecimentos que fogem ao nosso entendimento, aquilo que a razão dedutiva não consegue explicar, o que consideramos incomum diante do que estamos acostumados a ver e viver. Aquilo que, enfim, causa estranhamento e não faz parte do repertório de nossas experiências. Há, inclusive, quem associe esses vocábulos ao sobrenatural,

ao que seria pertencente a outro mundo que não o nosso. Ao mesmo tempo, até a realidade ordinária, comezinha, pode estar repleta de elementos surpreendentes, alguns discretos. Vistos por poucos, só pelos que têm olhos para vê-los.

É o que acontece na obra do escritor **José J. Veiga**, coalhada desses eventos ditos extraordinários e que, no entanto, parecem não impressionar ou assustar as personagens, mas só a nós, leitores. Essa característica é notável já em seu primeiro livro, este *Os cavalinhos de Platiplanto: Contos*. Durante a leitura, somos levados a inúmeros questionamentos e inquietações a respeito da natureza dos eventos narrados: são deste mundo, e portanto palpáveis? Pertencem à esfera do insólito?

Muitas dessas perguntas nos acompanham depois que lemos os contos, como acontece com a boa literatura. E reiteram assim a originalidade da obra de um dos escritores brasileiros mais inventivos, revelando que não apenas sua obra, mas aquilo que convenciamos chamar de realidade, está repleta de mistérios e de elementos que, mesmo discretamente, transformam a percepção e o mundo de quem os vive. A realidade não está dada de absoluto. O mundo está por ser conhecido, descortinado. E o processo dessa travessia é cheio de enigmas e de elementos encantadores.

Mas não apenas o mundo, isto é, os espaços por onde circulamos podem ser cheios dessas nuances misteriosas e repletas de estranhezas. Nosso universo subjetivo, inclusive nossas memórias e nossos desejos, também tem essa capacidade de nos deixar desconcertados. O contrário também pode acontecer: muitas vezes algo (ou alguém) que há muito consideramos conhecido pode se revelar alheio, estrangeiro, intruso. Pois o que chamamos de real está em constantes transfigurações, que ampliam e desestabilizam um mundo e uma vida a princípio considerados seguros.

O AUTOR

José Jacinto Veiga nasceu em 1915. Natural de Corumbá de Goiás, mudou-se na infância para a capital do estado, com o intuito de concluir os estudos em um renomado liceu. Aos 18 anos, já no Rio de Janeiro, ingressou no curso de Direito da Faculdade Nacional. Com 31 anos, nova mudança: dessa vez para Londres, onde trabalhou para a British Broadcasting Corporation, a BBC. Foi o início de um extenso trabalho como jornalista, o que o levou de volta ao Rio de Janeiro. Na então capital nacional, colaborou com os periódicos *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Tribuna da Imprensa*.

Foi só aos 44 anos que José J. Veiga começaria e ser reconhecido como uma das vozes literárias mais originais de sua geração. O volume de contos *Os cavalinhos de*

Platiplanto, lançado em 1959, chamou a atenção de críticos literários. À época, o livro recebeu o prêmio Fabio Prado, importante reconhecimento — especialmente em se tratando de um escritor estreante. As obras posteriores, que entre contos e romances somam dezessete títulos, reiterariam as qualidades literárias de um dos principais autores brasileiros da segunda metade do século xx. Entre os romances, destacam-se *A hora dos ruminantes* (1966) e *Sombras de reis barbudos* (1972). Ganhou o prêmio Jabuti em 1981, com *De jogos e festas*, em 1983 com *Aquele mundo de vasabarro* e em 1993 com *O risonho cavalo do príncipe*. Seus livros foram editados em diversos países, entre eles Portugal, Espanha, Estados Unidos e Inglaterra. Em 1997, recebeu o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras (ABL), pelo conjunto da obra. Morreu aos 84 anos, em 1999.

GÊNERO E ESTILO

Os cavalinhos de Platiplanto reúne doze belos contos em que se apresentam temas e enredos que marcariam a produção literária subsequente de José J. Veiga. Antes de nos aprofundarmos nesses temas e especificá-los, esboçaremos algumas considerações sobre o gênero literário **conto** e como o escritor goiano deixou sua marca, tornando-se um dos maiores contistas da segunda metade do século xx.

A atividade de contar histórias ocupa papel fundamental na dinâmica de diversas sociedades ao longo dos tempos. De mitos a lendas, passando por histórias que assustam, divertem ou veiculam ensinamentos e experiências aos ouvintes, os contos têm sua origem vinculada à tradição oral.

A arte de contar histórias, porém, vai muito além de relatar uma sucessão de fatos (o que, aliás, é o princípio de toda e qualquer narrativa). É o que afirma Gotlib: “O conto [...] não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e invenção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se [...]” (1990, p. 8).

Segundo a mesma autora, é sob o critério de *invenção* (e não apenas por relatar histórias, como fazem outros gêneros textuais não literários) que devemos esboçar a história e as evoluções desse gênero literário ao longo das eras. Invenção tanto na modalidade oral como também na escrita, que obtém um

resultado de ordem estética, ou seja: quando [o contador ou narrador] consegue construir um conto que ressalte seus valores enquanto conto, nesta que já é, a esta altura, a *arte do conto*, do conto literário. Por

isso, nem todo *contador de estórias* é um contista (GOTLIB, 1990, p. 9, itálicos da autora).

Por remeter a tempos imemoriais, o conto tem inúmeras vertentes na tradição oral (como os contos de fadas e/ou maravilhosos, as fábulas), até se consolidar como gênero literário na modernidade. É essa acepção moderna que aqui mais nos interessa.

O escritor Edgar Allan Poe foi um dos mais importantes teóricos do conto moderno. Uma de suas principais contribuições à elucidação desse gênero consiste em relacionar a extensão dessas narrativas com o efeito que causam no leitor. Para Poe, “torna-se imprescindível a leitura de *uma só assentada* [...]” (GOTLIB, 1990, p. 19, itálico da autora). Isso significa que num conto não deve haver excessos; econômicos e concisos, todos os elementos narrativos devem estar a serviço do que o contista pretende despertar no leitor. O conto, assim, “é produto de um trabalho consciente, que se faz em etapas, em função desta *intenção*: a conquista do *efeito único*, ou impressão total. Tudo provém de um minucioso cálculo” (id., *ibid.*, p. 20, itálicos da autora).

Por sua vez, para o escritor argentino Ricardo Piglia (2004), um conto sempre conta duas histórias: uma é aparente e a outra é cifrada, guardada no interior da primeira. A história visível esconde outra, uma história secreta narrada de modo elíptico e fragmentado e que fica visível apenas em alguns momentos. Quando isso ocorre, há um efeito surpresa.

E a força de um conto está justamente, segundo esse teórico argentino, na história cifrada, que é apresentada em seus elementos básicos, explorando o essencial e também o que é apenas sugerido. E, por ser uma narrativa breve, o conto tende a ser comedido: apresenta poucos personagens, um arco temporal curto, cenários reduzidos ao mínimo. Diferencia-se, assim, de gêneros literários como o romance, que tem uma característica fundamental oposta: estender-se no tempo, o que possibilita uma narrativa com uma profusão de personagens, cada um com suas histórias e dilemas, que vão se entrelaçando no decorrer de uma longa trama.

Os contos de José J. Veiga são marcados por essas características. A concisão de seus escritos, nos quais se manifesta uma escrita terna e ao mesmo tempo atroz, encontra-se a serviço de enigmas. Mas que nós, leitores, não nos enganemos: a linguagem direta, limpa e cristalina de suas narrativas é simultaneamente desafiadora; afinal, constrói enigmas e segredos dos mais intrigantes. Não se trata de

narrativas como as policiais, no sentido de ter como cerne um mistério final a ser desvendado ou dissolvido. Os enigmas em Veiga não apresentam necessariamente resolução. Trata-se da primazia não das respostas, mas dos mistérios — daquilo que, na vida, é praticamente inescrutável, mas que, de modo impressionante, essas narrativas perscrutam.

Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

Como consta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os estudantes que ingressam nos anos finais do Ensino Fundamental passam por “intensas mudanças decorrentes de transformações biológicas, psicológicas, sociais e emocionais”. Se o 6º e 7º anos do Ensino Fundamental são marcados pela passagem da infância para adolescência, nos anos subsequentes fica mais claro que a infância ficou para trás.

Os jovens do 8º e 9º anos são acometidos por outros questionamentos e inquietações, além de se apresentarem mais autônomos e aptos a desafios escolares mais complexos, afinal, ampliam-se “as possibilidades intelectuais e a capacidade de raciocínios mais abstratos”. Além disso, novos laços afetivos e sociais se consolidam, de forma que “os estudantes tornam-se mais capazes de ver e de avaliar os fatos pelo ponto de vista do outro, exercendo a capacidade de descentração” (BRASIL, 2018, p. 60).

Nesse sentido, *Os cavaleiros de Platiplano: Contos* é leitura imprescindível aos estudantes que se encontram nessa fase escolar e nessa etapa da vida. Em especial porque estamos diante de narrativas escritas em primeira pessoa, cujos narradores são crianças ou adolescentes, ou pessoas de outras faixas etárias que buscam se recordar dessa etapa. Não se trata, contudo, de contos destinados exclusiva ou prioritariamente ao público jovem. José J. Veiga conquista, com narrativas sofisticadas, um público bastante diversificado.

Sofisticação de narrativas porque, afinal, nesses contos a infância é despida de idealizações ou delimitações. Não estamos diante de narradores estereotipados, isto é, ingênuos ou inocentes. Suas vozes revelam grande senso crítico, aguda capacidade analítica e de observação. Além disso, a infância não se circunscreve às brincadeiras ou aos prazeres e lazeres dessa faixa etária. É bem verdade que o lúdico se

faz notável em alguns dos contos. Contudo, bem mais que isso, a infância e a adolescência são abordadas como períodos de plena potência e de possibilidades, para o bem ou para o mal — períodos em que (assim como a vida adulta) se contemplam as nuances da vida, além de muitos eventos e acontecimentos para os quais não há, necessariamente, um sentido ou resposta evidentes.

Nos contos de José J. Veiga, a infância e a adolescência são retratadas de forma minuciosa (e ao mesmo tempo panorâmica). Com isso, estamos diante de crianças e de adolescentes que experimentam alegrias e perdas — às vezes de forma mais aprazível, outras vezes de forma mais dolorosa; que observam as dinâmicas das relações sociais e afetivas, muitas vezes marcadas por camadas de violência, e não raro repleta de sutilezas. Não se trata, contudo, de narrativas amarguradas, em que impera o pessimismo.

Nessas narrativas, nem pessimistas nem ingênuas (ou otimistas), ocorre uma gama de inquietações a respeito das relações entre as próprias crianças, entre as crianças e os adultos, e também sobre o relacionamento com o forasteiro — e esse forasteiro, para além do estrangeiro ou do estranho em sentido literal, pode ser também algumas pessoas que consideramos familiares ou próximas. Com base nisso, *Os cavalinhos de Platiplanto* aborda os **conflitos da adolescência** que acometem os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Em boa parte, esses conflitos têm como gatilho os **encontros com a diferença**, a partir do contato com forasteiros ou mesmo com personagens familiares aos narradores mas que, por alguma razão, tornam-se estranhas. Trata-se de eixos temáticos inter-relacionados e que contemplam uma das macroáreas dos Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), **cidadania e civismo**, em especial no que diz respeito à **vida social e familiar**.

Conforme indicado na BNCC, os estudantes que estão em vias de ingressar no Ensino Médio devem ter, continuamente, a oportunidade de realizar leituras que, sem se limitar a finalidades utilitárias, ensinem-lhes, de forma direta ou indireta, conteúdos escolares e/ou aspectos da própria existência. Devem, na verdade, ter acesso a obras que despertem o prazer e a fruição da literatura ou, de modo mais amplo, da língua. Desse modo, não podemos deixar de lado o fato de que “está em jogo a continuidade da formação do leitor literário com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita” (BRASIL, 2018, p. 139). Tais leituras, a um só tempo desafiadoras e que estimulam a fruição de diferentes formas de manifestações artísticas, articulam-se com a terceira competência geral

da Educação Básica*, que valoriza o repertório cultural dos estudantes, e com a competência específica 5 de Linguagens**, relacionada à fruição de produções artístico-culturais diversas.

Dissemos, ainda, que os contos que integram o volume de estreia de José J. Veiga são caracterizados pela forte presença de enigmas, de situações que se revelam sem resposta ou que, num primeiro momento, podem até angustiar o leitor sedento por respostas ou por uma resolução tranquilizadora. Ao mesmo tempo, tais elementos em geral também fascinam o leitor — o que estimula a fruição da obra literária. Nas seções subsequentes, em especial nas propostas de atividades, abordaremos com mais vagar a presença desses elementos enigmáticos, muitos dos quais se manifestam discretamente nas narrativas, despertando nos leitores dúvida a respeito do caráter insólito atrelado a tais acontecimentos ditos fantásticos.

Outro eixo temático dos contos de *Os cavaleiros de Platiplanto* é o **mistério**, a **fantasia**. A presença do insólito, de elementos supostamente mágicos ou maravilhosos, flerta até mesmo com outra vertente de narrativas, a saber, a **ficção científica**, embora a atmosfera dos contos de José J. Veiga esteja muito mais próxima do arcaico do que de uma abordagem futurista. Isto é, não há maquinarias ou tecnologias que sequer existem — tampouco o distópico que muitas vezes caracteriza a ficção científica. Seja como for, esses elementos, por mais que possam soar impressionantes ou de algum modo até mesmo descolados da realidade, acabam proporcionando indagações e reflexões a respeito do mundo que nos cerca: isto é, ler a obra em questão nos torna aptos a ler de outra forma o que chamamos de real.

Na verdade, as narrativas são ambientadas em paisagens rurais, em fazendas, possivelmente no interior do Brasil. Em algumas histórias, esse cenário se choca com a presença predatória da maquinaria da modernidade, que afeta e impacta profundamente a vida da população local — talvez esse seja o lastro de ficção científica nesses contos, apesar de profundamente atual (basta ver, no ambiente e na vida dos animais e dos seres humanos, os impactos causados pelas

* 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (BRASIL, 2018, p. 9).

** 5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (BRASIL, 2018, p. 65).

empresas que prometem modernidade ou que exploram as terras e os minérios em diversas regiões do Brasil). Essa característica contempla outro TCT, a **educação ambiental**.

Tais aspectos justificam a pertinência da leitura de *Os cavalinhos de Platiplanto: Contos* para os estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

Conversas em torno da leitura dessa obra

Vivemos hoje em dia num cenário mediado por telas de computadores e, em geral, de dispositivos eletrônicos. É sabido, também, que a internet tem transformado irreversivelmente as culturas locais na contemporaneidade. Os impactos mal podem ser mensurados com o devido rigor, uma vez que as transformações ocasionadas pelo advento de novas tecnologias são muito mais céleres do que o tempo exigido para a avaliação de tais consequências no cotidiano: quando paramos para refletir, surge uma nova rede social, das quais decorrem novas formas de interação. As maneiras de se expressar via escrita também sofrem impactos. Você já deve ter percebido entre seus estudantes que, na hora de escrever no caderno, eles manifestam características da comunicação digital, como abreviaturas, desenhos de emojis, entre outros recursos advindos das novas tecnologias.

Além disso, muitas são as redes sociais e aplicativos cada vez mais dedicados à fotografia ou à produção e edição de vídeos. A cultura que tem como cerne a imagem, e cada vez mais a gestualidade (basta ver redes que fazem a cabeça especialmente de inúmeras crianças e jovens), é um caminho sem volta. Que lugar, então, teriam os livros nesse cenário pouco favorável à leitura mais lenta e introspectiva? Os desafios pedagógicos não são poucos. Cabe à escola se adaptar (o que não significa se subordinar) a essa realidade.

Convém lembrar que a leitura vai muito além da decodificação de palavras dispostas em papel e que compõem um texto. De acordo com a BNCC, a leitura é compreendida

em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao

som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais (BRASIL, 2018, p. 72).

O ambiente escolar não deve, portanto, ficar alheio às diversas manifestações culturais (e cada vez mais multimídias) que marcam a contemporaneidade. Cabe, assim, utilizar estrategicamente tanto a leitura como a produção de textos que se valem de linguagens para além da verbal. É o ensejo de trazer para a sala de aula, e para a escola como um todo, atividades que contemplem imagens, sons, o universo audiovisual, enfim, toda a gama de possibilidades (turbinadas pela internet) tanto de comunicação como também artísticas. Devemos, por conseguinte,

proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BRASIL, 2018, p. 68-69).

Essa variedade de linguagens pode tornar a tecnologia livro mais atraente aos jovens estudantes. No entanto, apesar da importância incontestável dos livros, não podemos hierarquizar as manifestações culturais, colocando-os no topo desse *ranking*. Trata-se de ampliar os letramentos para que também se aumentem as oportunidades e o repertório dos estudantes, inclusive quanto às escolhas que exercerão no futuro. Assim, no limite, ampliar letramentos significa alargar também as possibilidades de projetos de vida.

Ainda assim, podemos insistir na indagação: por que, então, os livros? Ora, com o advento da internet, e com jovens já desde o nascimento imersos na cultura digital e bombardeados por imagens — da publicidade, dos computadores, dos games, dos memes, dos vídeos cada vez mais curtos, dos textos com caracteres limitadíssimos —, é patente que a pressa na escrita (vide abreviações das redes), a sanha de compartilhamentos, o crescente (embora sem sentido) anseio por viralização a todo custo, o surgimento de celebridades instantâneas, o *boom* dos influencers e de toda ordem de opinantes sem especialidade em determinados assuntos tenham colocado em xeque a morosidade de outras manifestações culturais e até mesmo certas epistemologias. Os jovens, com isso, têm acesso a uma variedade inédita de informações (e de desinformações), além de contar com novas possibilidades de comunicação que, algumas décadas atrás, eram impensáveis, coisa de ficção científica.

É aí que se evidencia a importância da leitura de obras literárias, não raro preferida pelos estudantes ante toda essa gama de opções midiáticas e tecnológicas. É aí, também, que se torna imprescindível o papel do professor como mediador para que os estudantes acessem conhecimentos de forma mais crítica e que operem e manejem, também de forma mais profícua, todo esse aparato artístico e comunicativo.

Afinal, a morosidade e a concentração demandadas pela leitura de obras literárias, bem como os silêncios e as pausas inerentes à leitura desses textos deliberadamente artísticos, convidam os leitores ao ruminar, às reflexões que em geral são deixadas de lado com o rolar ansioso e afobado da barra das redes sociais e similares. Tal leitura mais lenta, convém frisar e repetir, não pretende excluir (o que seria em vão) a irreversível presença dessas novas manifestações culturais. É certo, porém, que ela contribui para a ampliação dos letramentos.

Para tanto, há que se pensar em variadas estratégias a fim de aproximar o leitor da obra literária. Estratégias que não dizem respeito apenas ao momento da leitura ou a uma finalidade utilitarista. Há que se pensar desde os espaços em que a obra literária pode ser lida: pode ser no pátio, debaixo de árvores, em ambientes arejados e confortáveis. A própria sala de aula pode ser reorganizada com o intuito de tornar a leitura mais aprazível: as carteiras podem ser postas em círculo; se possível, com almofadas para que os corpos fiquem mais à vontade.

As conversas em torno da obra podem, assim, ser informais, sem intuito avaliativo. Isso se faz necessário para que os estudantes se sintam à vontade para compartilhar suas impressões e opiniões. No caso de *Os cavalinhos de Platiplanto*, são muitas as possíveis chaves de leitura — conceito proposto por Bajour (2012, p. 67): trata-se dos vieses para adentrar um livro e compreender uma narrativa. Neste material, sugerimos três chaves de leitura: *o aspecto mágico*, que se funde nesses contos com o universo lúdico; *os conflitos da adolescência por meio do contato com o outro* (do encontro com a diferença); e o *regionalismo*.

Tais conversas, ainda, podem ir muito além de estimular a fruição e o prazer pela leitura de um texto literário. Isso porque o livro instiga indagações e reflexões a respeito do convívio com o diferente. Esse é um ponto que merece ser abordado e que reitera a importância da leitura da obra de José J. Veiga na escola. O livro pode incentivar, inclusive, práticas de combate à discriminação em sala de aula, e por isso também a conversa não deve ter finalidade avaliativa. Afinal, para essas reflexões e iniciativas, é necessário que o estudante se sinta confortável e encorajado a se po-

sicionar e manifestar suas contribuições. Você pode questionar, por exemplo, quais são os principais problemas em se tratando da convivência no ambiente escolar (na atividade 2, ver o box que ressalta a importância de assegurar a escola como um espaço seguro para o desenvolvimento de todos).

A seguir, sugerimos algumas estratégias que visam tornar mais prazerosa a leitura dessa obra e que podem contribuir para que os jovens leitores se tornem mais autônomos e fruidores, levando-se em conta também as reflexões sobre o encontro, muitas vezes desafiador, com as diferenças.

Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa

As propostas a seguir objetivam especialmente contribuir para a formação do leitor-fruidor. Para isso, é necessário ter em vista não somente os aspectos temáticos de *Os cavalinhos de Platiplanto*, como também seus aspectos formais ou estruturais, como elementos concernentes ao conto e também aspectos composicionais básicos (enredo, tempo, personagens, espaço).

As três sugestões para as aulas de Língua Portuguesa podem ser realizadas de forma autônoma. Todavia, as chaves de leitura propostas, se abordadas em conjunto, contribuem para um entendimento e apreciação mais amplos da obra. As atividades pretendem se aliar ao desenvolvimento de habilidades específicas de Língua Portuguesa que visam contribuir para a autonomia e a fruição de leitura, como também para uma atuação mais participativa na escola:

- EF89LP33*, pela leitura autônoma dos contos;

* (EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender — selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes — romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (BRASIL, 2018, p. 187).

- EF69LP46*, que se relaciona ao compartilhamento das leituras realizadas da obra;
- EF69LP47**, que visa identificar os recursos linguísticos e multissemióticos do texto;
- EF69LP49***, no envolvimento com o livro e outras produções culturais que com ele dialogam;
- EF89LP18****, pela produção, circulação e recepção de textos e práticas relacionadas à defesa de direitos e à participação social;

* (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, *fanzines*, *e-zines*, *fanvídeos*, *fanclipes*, *posts* em *fanpages*, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs (BRASIL, 2018, p. 157).

** (EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo (BRASIL, 2018, p. 158).

*** (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (BRASIL, 2018, p. 159).

**** (EF89LP18) Explorar e analisar instâncias e canais de participação disponíveis na escola (conselho de escola, outros colegiados, grêmios livres), na comunidade (associações, coletivos, movimentos, etc.), no município ou no país, incluindo formas de participação digital, como canais e plataformas de participação (como portal e-cidadania), serviços, portais e ferramentas de acompanhamentos do trabalho de políticos e de tramitação de leis, canais de educação política, bem como de propostas e proposições que circulem nesses canais, de forma a participar do debate de ideias e propostas na esfera social e a engajar-se com a busca de soluções para problemas ou questões que envolvam a vida da escola e da comunidade (BRASIL, 2018 p. 183).

- EF69LP53*, no que se refere à prática da leitura em voz alta da obra e dos textos produzidos.

ATIVIDADE 1: AS IMAGENS MÁGICAS

PRÉ-LEITURA

Como você sabe, resgatar o repertório prévio dos estudantes, além de estimular a formulação de hipóteses a respeito de uma obra, é uma estratégia válida para tornar mais interessante e atraente a leitura de uma obra. Num primeiro momento, vale a pena resgatar numa roda de conversa o que os jovens leitores entendem pelo gênero conto e suas vertentes. Uma das mais conhecidas, certamente, é a dos contos de fada, aos quais muito provavelmente tiveram acesso em especial na Educação Infantil ou nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

A partir disso, recomendamos que você tente estimular que os próprios estudantes, em conjunto, elenquem as características basilares dessas e de outras vertentes do conto maravilhoso (as fábulas são outra possibilidade). Se necessário, auxilie a turma e escreva no quadro alguns dos elementos patentes nessas narrativas, como a presença de fadas, príncipes e artefatos mágicos; de bruxas, feiticeiros e animais falantes. No caso das fábulas, espera-se que mencionem a moral explícita que se extrai dos fatos narrados. Se preferir, você pode selecionar alguma(s) dessas narrativas com a finalidade de estimular as recordações da turma.

* (EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos — como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil — contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão (BRASIL, 2018, p. 161).

Em seguida, convém apreciar a capa de *Os cavalinhos de Platiplanto*. Como se nota, os cavalos estão sobre camas. Atrás deles, há quadros, reforçando que se encontram num cômodo, dentro de uma casa. Uma imagem, evidentemente, incomum e inusitada. Na sequência, é válido estimular que os estudantes expressem suas hipóteses sobre o título, ele mesmo também estranho — pelo diminutivo (que permite sugerir que trata de brinquedos ou de vocabulário infantil), mas sobretudo pela palavra “Platiplanto”. Do que se trata? Seria o nome de um lugar? Seria o nome de uma pessoa, sugerindo que os cavalos pertencem a alguém?

É interessante também provocar os estudantes a estabelecer relações (hipotéticas) entre a imagem da capa e o título. Tudo de antemão desperta estranhamento, ou então dá a entender que a obra versa sobre um universo um tanto diferente do que entendemos por um mundo dito comum. É diferente do que se espera de narrativas maravilhosas tradicionais, por exemplo. Os estudantes certamente perceberão a diferença entre esses contos e os contos de magia e de fadas, que fazem parte de seu repertório.

LEITURA

Então, é o momento de começar a leitura. Aqui destacaremos as narrativas em que é enfática a atmosfera maravilhosa do livro. A começar pelo conto que dá título ao volume de contos. De chofre, sentimos a tonalidade cuidadosa por meio da qual José J. Veiga dá vida a seus narradores. Há uma conciliação entre modalidade padrão da língua e uma dicção terna e, de algum modo, pueril. Trata-se da forma frasal com que o autor constrói esses “contos marcados por uma espécie de tranquilidade catastrófica” (CANDIDO, 1988, p. 223).

É só ver a presença de diminutivos, sugerindo vocabulário infantil (“criaturinhas”, “cavalinhos”), em conciliação com formas pouco usuais aos falantes do português brasileiro — a exemplo dos verbos em pretérito mais que perfeito (“estivera”) —, além de um léxico vasto e, aparentemente, maduro. Convém identificar com os estudantes o foco narrativo do conto — aliás, todos os textos desse volume são narrados em primeira pessoa. Assim, é válido refletir acerca também das diferenças entre os focos narrativos em primeira e em terceira pessoa. Em geral, o uso da primeira pessoa facilita o acesso dos leitores às inquietações e aos pensamentos das personagens. Em tese, acessamos com mais amplitude sua interioridade. Converse com a turma a esse respeito.

A narrativa se inicia com a promessa do avô do narrador, Rubém, de ceder um cavalinho da fazenda do “Chove-Chuva” (p. 54). O narrador, porém, na sequência

alerta os leitores que “foi de tanto querer o cavalinho, e querer com força, que eu nunca cheguei a tê-lo” (p. 56). Estamos diante de uma frustração do personagem narrador, enfatizada nos parágrafos seguintes: “eu ficava sentado debaixo de mangueira no quintal e pensava nos cavalinhos, nos passeios que ia fazer com ele [...]” (p. 57). Na sequência, com o adoecimento do avô, é patente que estamos diante de uma história que versa sobre perdas e que, portanto, não doura a pílula em se tratando do universo infantil e juvenil, abarcando-o em seus eventos mais duros e em suas dores — gatilhos para conflitos da adolescência. Tudo isso merece ser mencionado e conversado com a turma.

Então, ocorre a guinada sutil e o acesso ao mundo onírico da personagem. Essa importante constatação é comentada por Silviano Santiago no prefácio “A realização do desejo” (p. 9-24), cuja leitura recomendamos vivamente. Nas palavras de Santiago, “a linguagem dita real se deforma de repente para abrir espaço para a linguagem propriamente onírica” (p. 22). Assim, como observa o crítico, a mudança de plano é discreta e brusca, a partir do momento em que o narrador acessa outra fazenda, nova e imponente: “a gente chegava lá indo por uma ponte, mas não era ponte de atravessar, era ponte de subir” (p. 58). A partir de então espocam imagens poéticas, como a do encontro do narrador com o menino que toca bandolim: “Ele fechou os olhinhos e começou a tocar uma toada tão bonita que parecia uma porção de estrelas caindo dentro da água e tingindo a água de todas as cores” (p. 59). É nessa paisagem insólita, provavelmente o relato de um sonho, que o narrador enfim conhecerá os cavalinhos da fazenda de Platilanto.

Fica mais claro, assim, o título do livro, bem como a ilustração de capa. Vale a pena retomá-la com a turma. Esse é um exemplo do fantástico e do mágico na obra de José J. Veiga; é bem diverso do que se conhece por maravilhoso nas narrativas tradicionais. Outros contos que nos despertam dúvida a respeito da natureza dos eventos — fantásticos e realistas quase que simultaneamente — são “Era só brincadeira” e especialmente “Fronteira”.

No caso do segundo, o narrador conta sua história de menino que, ainda “muito criança”, “sabia uma infinidade de coisas que os adultos ignoravam. Sabia que não se deve responder aos cumprimentos dos glimerinos, aquela raça de anões que a gente encontra quando menos espera [...]” (p. 88). Aqui, tem-se outro exemplo do lúdico que beira o fantástico. O narrador continua sua história, no período da infância em que tinha de conduzir adultos a uma travessia de estrada que só ele conhecia. A respeito da estrada e dessa rotina, ele diz: “raro era o dia em que eu não

aprendia alguma coisa nova, e embora a descoberta só tivesse utilidade na estrada, eu a recolhia para utilização futura [...]” (p. 90). Passagens como essa sugerem que o fantástico, nesse caso, é a imaginação e o olhar curioso do narrador, que o leva a “aprender” coisas novas.

Esses contos exemplificam a forma como o fantástico, confundido com o lúdico (talvez fruto da imaginação potente de seus narradores), se constrói nas histórias de José J. Veiga.

PÓS-LEITURA

Como se vê, nesta primeira proposta, enfatizamos as especificidades com que os elementos mágicos (ou supostamente mágicos, visto que oníricos e portanto integrantes da realidade) aparecem no volume de contos. Assim, numa roda de conversa, incentive os estudantes a manifestarem suas impressões a respeito dessas narrativas. É válido retomar o que foi conversado antes, solicitando comparações (muito mais por distanciamento do que por aproximação) entre esses contos e os tradicionais. Por fim, depois dessa conversa, você pode retomar as imagens mais impressionantes que aparecem no conto que dá título ao livro, em “Fronteira” ou outras narrativas que você considerar pertinente.

Inspirados na capa da edição, seria interessante eles elaborarem ilustrações que captem algumas das imagens poéticas, como a da melodia comparada com as estrelas na água, os próprios cavalinhos ou a fazenda de Platiplanto. A atividade demanda sulfite, lápis e canetas coloridas ou mesmo, se considerar oportuno, tintas. No fim, você pode expor essas ilustrações num mural na sala ou em algum outro espaço da escola em que possam ser apreciadas por estudantes de outras turmas.

ATIVIDADE 2: A ILHA DOS GATOS PINGADOS, DA INSATISFAÇÃO À EXPRESSÃO

PRÉ-LEITURA

Numa roda de conversa, proponha aos jovens que falem de seus jogos e brincadeiras favoritos na infância. Após esse primeiro momento de recordações, você pode iniciar uma dinâmica simples com os estudantes, perguntando-lhes o que consideram essencial e imprescindível, coisas que levariam para uma ilha onde viveriam com seus melhores amigos. Uma sugestão é solicitar, nessa brincadeira,

que escrevam objetos essenciais que comecem apenas com determinada letra, por exemplo.

Após essa etapa, novamente em roda de conversa, vale a pena indagar como seria esse espaço da ilha imaginária. Trata-se de uma atividade em que os estudantes imaginam um espaço utópico — o que, por conseguinte, os estimula a refletir sobre os problemas do mundo real (que, evidentemente, não existiriam nessa ilha). Os contos de José J. Veiga, em especial “A Ilha dos Gatos Pingados”, constroem-se por meio de uma tensão entre o espaço utópico, onírico, e o mundo real, repleto de perdas e de frustrações. As fronteiras entre esses dois mundos, se é que existem, são diluídas e rarefeitas nessas narrativas.

LEITURA

Recomendamos a leitura compartilhada de *Os cavalinhos de Platiplanto*, com pausas para diálogos e reflexões acerca das narrativas. O conto de abertura do volume, “A Ilha dos Gatos Pingados”, revela características que se manifestarão nas narrativas posteriores, como o foco em primeira pessoa e o narrador que está entre a infância e adolescência. É importante atentar para a construção do narrador, cujo olhar infantil facilita a passagem do plano concreto ao plano simbólico e/ou onírico.

No caso desse conto, esse segundo plano é representado pela construção da Ilha dos Gatos Pingados. Nas primeiras linhas do texto está claro o foco narrativo do conto, bem como o sentimento de insatisfação do narrador, que está entediado e espera que a situação se transforme se for para a casa da avó:

Já sei o que vou fazer. Se Cedil não voltar até o fim do ano, vou-me embora para o sítio de minha avó. Lá vou ter uma bezerra para tirar cria, um cavalinho para montar e muitas coisas para fazer o dia inteiro [...] (p. 27).

Além disso esse início apresenta outros personagens importantes à trama: Cedil, Camilinho e, na sequência, Zoaldo, namorado de Milila e que agredia Cedil e, por fim, Tennisão. Aqui, torna-se evidente que o grupo se caracteriza tanto pela amizade como também pelos conflitos. Da mesma forma que Zoaldo agride Cedil, as demais crianças excluem a menor de todas elas, Camilinho. Trata-se de certa hierarquização entre as próprias crianças, cuja dinâmica de amizade funciona também sob a lei do mais forte.

Essa notável característica também é abordada por Silviano Santiago no importante prefácio que acompanha a edição. Ele nos diz:

pode-se dizer que a arquitetura dramática dos contos de Veiga se arma a partir da vizinhança de grupos divergentes, sendo que um deles, o mais fraco, acaba por sofrer reprimendas terríveis como consequência da busca por autonomia e liberdade de ação.

Reprimendas que, acrescenta-se, podem ser também violentas e que ocorrem não só nesse conto mas também e especialmente em “A usina atrás do morro”, no desfecho de “Era só brincadeira” e na abertura de “Tia Zi rezando”. Estão presentes em diversas camadas, às vezes mais sutis (como no uso de termos pejorativos — vide André Gaguinho, no segundo conto do livro); às vezes mais explícitas (como no incêndio que consome a casa da personagem Lázio, causado por Firmino, tio do narrador). Todas essas camadas merecem ser cuidadosamente analisadas em sala de aula.

As passagens elencadas podem ser o ensejo para estimular a reflexão a respeito da convivência dos estudantes, muitas vezes marcadas por essas “reprimendas”. Convém que professor e educandos, conjuntamente, combatam quaisquer eventuais discriminações que ocorram em sala de aula e que se manifestem durante a apreciação desses contos (ainda que não abordem o universo escolar). Cabe ao professor estimular que os jovens informem os casos de discriminação para elaborar com a turma algumas regras de convivência e de disciplina a serem acatadas. E, sobretudo, para construir juntos protocolos de encaminhamento de situações como essas no ambiente escolar de modo que eles não se repitam.

É fundamental que a escola assegure o direito das diferentes existências, plenas em direitos, e que ofereça condições favoráveis de desenvolvimento psíquico-educativo. Trata-se de um ambiente a ser zelado por toda a comunidade escolar, para que se configure como um espaço seguro ao desenvolvimen-

to e à aprendizagem de todos — pessoas negras, deficientes, pessoas em situação de vulnerabilidade econômica e social etc.

Conforme a BNCC:

Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades (BRASIL, 2018, p. 14).

Se, no conto que dá título ao livro, a passagem do plano concreto e duro para o plano onírico se dá pela ponte “de subir”, em “A Ilha dos Gatos Pingados” é a travessia de um riacho que leva as personagens para esse outro plano. A diferença é que no conto de abertura esse espaço é também concreto. O encanto da ilha é fruto da imaginação e da projeção do olhar das crianças que participam da ocupação e da construção desse espaço concreto e, ao mesmo tempo, imaginário. Tudo isso é favorecido pelo foco narrativo em primeira pessoa. Vale a pena ressaltar essa característica com os estudantes. E também, se considerar pertinente, elencar com eles essas passagens sorrateiras que asseguram a mudança de um plano para o outro.

Posteriormente, por alguma razão desconhecida (talvez por delação do excluído Camilinho), a ilha é destruída — para a tristeza das personagens e, em especial, para o desespero de Cedil, que acaba fugindo sabe-se lá para onde no desfecho do conto. É importante, assim, enfatizar os conflitos que caracterizam as personagens e que os jovens dessa faixa etária costumam vivenciar. Durante a leitura é necessário realizar pausas para que os estudantes compartilhem não só as impressões sobre a narrativa, mas também suas inquietações e dificuldades de relacionamentos, entre outros aspectos cotidianos.

PÓS-LEITURA

Depois da leitura, e também com base na proposta realizada antes, sugerimos dividir a turma em grupos de até seis pessoas. No conto que aqui destacamos, é patente que as personagens, em especial o narrador e Cedil, revelam-se melancólicos e insatisfeitos. A ilha torna-se o espaço em que esses problemas são mitigados. Se antes da leitura a atividade parecia apenas uma espécie de brincadeira, com o intuito de opinar sobre os problemas que afligem os jovens, agora a atividade perde

seu caráter lúdico e busca interferir mais diretamente no cotidiano dos estudantes: a ideia, neste momento, é debater com a turma os principais problemas de sua realidade escolar.

Recomendamos que essa conversa seja feita nos grupos, entre os integrantes, mas com registros individuais no caderno. Cada estudante listará, após o debate, quais são os principais problemas concernentes à rotina da escola. Estimule que expressem suas opiniões sobre os desafios (inclusive no que concerne à convivência) na sala de aula e também no espaço escolar como um todo. Depois, convém tratar das reivindicações: O que teriam a sugerir para tornar esse espaço mais agradável, para melhorar a convivência dos estudantes entre si, com os professores e demais integrantes da equipe escolar? Como cada um dos integrantes da turma poderia contribuir para combater as discriminações ou outras violências que ocorrem na escola?

Depois desses registros, seria interessante organizar uma assembleia em sala de aula. Cada grupo pode escolher um representante para apresentar a toda a turma os problemas elencados, bem como suas possíveis soluções. Tal atividade, aliás, pode ser realizada periodicamente: uma vez por mês, ou conforme você considerar pertinente, considerando as especificidades de sua(s) turma(s). Tais assembleias, inclusive, podem ser ampliadas a outros estudantes de outros anos do Ensino Fundamental.

ATIVIDADE 3: UM LIVRO REGIONAL?

PRÉ-LEITURA

Antes da leitura, convém retomar com os estudantes as regiões brasileiras e suas principais características quanto ao bioma e ao clima, entre outros aspectos. Isso pode ser realizado em conversa na sala de aula ou, se for possível e houver esse recurso, na sala de informática da escola. Vale a pena, no caso dessas pesquisas, buscar informações a respeito dos costumes, da culinária e de outros elementos culturais e identitários.

Recomendamos priorizar as regiões distantes das que você e seus estudantes se encontram. Depois, a turma pode compartilhar os resultados dessa pesquisa, e é importante que você chame a atenção para a diversidade que caracteriza um país de dimensões continentais como o Brasil. Cabe indagar aos estudantes: Alguns desses costumes lhes parecem exóticos? Por quê? E a região onde estamos pode parecer estranha a moradores de outros lugares do país? Se sim, quais os aspectos que pode-

riam impressionar algum viajante ou forasteiro vindo de longe? Tudo isso será importante para as reflexões suscitadas com a leitura de *Os cavalinhos de Platiplanto*.

LEITURA

Em todos os contos da obra, é notável o encontro com o diferente, com a figura do outro, seja ele próximo ou forasteiro. Aqui, destacamos “A usina atrás do morro”, no qual esse encontro será tratado de forma mais radical e se revelará marcado por tensões, enigmas, segredos e até violências. Mais uma vez, a narrativa abre-se com o foco narrativo explícito em primeira pessoa. E o clima de mistério instaura-se logo de saída, motivando inquietações e conflitos interiores por parte do narrador. O motivo é a chegada de dois forasteiros ao vilarejo onde está o narrador. A partir disso, a vida nunca mais será a mesma.

À medida que a narrativa avança, cresce também a tensão que culmina na violência que advém da modernidade das tecnologias tidas como modernas e que faz a população local de vítima. A situação beira o absurdo e o narrador, nostálgico da vida pacata e pregressa, é obrigado a fugir, com sua mãe, do vilarejo onde vivera seus primeiros anos.

Convém atentar para a construção do espaço em todas as narrativas, geralmente marcado pelos costumes da vida no campo, com cenários caracterizados por brejos, vilarejos, fazendas — ambientes diferentes dos grandes centros urbanos, onde vive a maioria dos leitores. Esses contos de José J. Veiga também revelam costumes de outras épocas que podem soar inusitados hoje, como o uso de lança-perfume como anestésico (no conto “Os cavalinhos de Platiplanto”). Além disso, a linguagem desses contos, em geral direta e cristalina, também revela palavras de certas épocas e típicas de regiões interioranas. É o caso de termos como “empalamados” e “boiotas” (no conto “A internada do sossego”), forma pejorativa como o narrador se refere a outros meninos. Por “empalamado” pode-se entender uma pessoa que se encontra enferma; já “boiota” designa, entre outras acepções, “aquele que é bobo, tolo” (GRANDE DICIONÁRIO, 2020). Tal retrato, tanto de época como de regiões (abarcando-se também as especificidades de vocabulário de uma região), deve ser debatido com os estudantes.

PÓS-LEITURA

Depois da leitura, é válido apresentar aos estudantes o que se entende por literatura regionalista. O crítico Afrânio Coutinho fornece uma das definições que norteiam a classificação dessa vertente de narrativas.

Para Afrânio Coutinho, as obras regionais extraem das diversas regiões do país a substância de que se servem como matéria literária. Em suas palavras:

essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural — clima, topografia, flora, fauna, etc. — como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra (1955, p. 146-147).

O conceito de regionalismo se funda, portanto, na distinção e na diferença. Trata-se de uma classificação operada pelo olhar estrangeiro, e não pelo olhar da pessoa proveniente de uma região. Tudo isso merece ser comentado com os estudantes.

Depois, convém novamente realizar uma pesquisa a respeito dos impactos das atividades de grandes empresas ou de atividades como o garimpo, entre outros, e as transformações (muitas vezes brutais) que causam nas populações locais. Sugerimos que os estudantes, em grupos, procurem informações sobre atividades mineradoras no estado de Minas Gerais (sobretudo no século XXI) e sobre garimpo ilegal na reserva Yanomami. A atividade pode ser realizada na sala de informática, se houver esse recurso na escola. É importante orientar os jovens como buscar sites confiáveis, especialmente caso a pesquisa seja feita em casa na internet.

Vale a pena orientar e auxiliar os estudantes a registrarem no caderno as informações mais relevantes. Por fim, os grupos podem compartilhar com toda a turma os resultados dessa pesquisa, em formato de seminário. Se considerar pertinente, sugira que os estudantes elaborem cartazes em cartolinas ou sulfites para facilitar a comunicação e a apresentação oral aos colegas.

Possibilidades interdisciplinares

Os cavalinhos de Platiplanto: Contos possibilita o diálogo com outros componentes curriculares, em especial Arte, História e Geografia.

ARTE

A partir da leitura dos contos, em que o universo onírico e/ou fantástico vivido pelas personagens se confunde com o lúdico, você pode sugerir a elaboração de jogos por parte dos estudantes. Jogos que podem ser de tabuleiros, ou até mesmo os *role playing games* (RPG) — jogos de interpretação de papéis. A ideia é que, como as personagens do livro, os estudantes experimentem e vivenciem o lúdico. Organize a turma em grupos de seis integrantes e peça a cada grupo que decida o jogo que gostaria de elaborar. Depois, é necessário que estruturem as regras do jogo escolhido.

A depender do jogo, é necessário reservar os materiais e suportes necessários: dados, cartolinas (para fazer os tabuleiros ou as cartas de desafios), lápis de cor, canetas, tesoura, régua etc. Depois disso, os estudantes podem compartilhar entre si os jogos e as regras formuladas, e também convidar outras turmas a participar. A atividade mobiliza a competência específica 4 de Arte*, bem como a habilidade EF69AR05**, que consideram o lúdico no espaço escolar e a experimentação de diversas linguagens.

HISTÓRIA

É imprescindível contextualizar a publicação de obras literárias. No caso, a primeira publicação de *Os cavalinhos de Platiplanto* ocorreu num momento em que o Brasil passava por diversas transformações sociais e políticas (inclusive com a inauguração da nova capital). Escritos numa época em que se pretendia modernizar o país, alguns dos contos (em especial “A usina atrás do morro”) abordam os impactos desse processo de suposta modernização e as consequências e transformações na vida das populações locais.

Assim, a partir de livros didáticos e de outras fontes que você considerar pertinentes (se possível, também digitais, caso a escola disponha desse recurso), oriente

* 4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte (BRASIL, 2018, p. 198).

** (EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, *performance* etc.) (BRASIL, 2018, p. 207).

os estudantes numa pesquisa a respeito desse período, levando em conta a construção de Brasília e o processo (promessa) de modernização do oeste do Brasil nessa mesma época. Tal pesquisa estimula a reflexão acerca das desigualdades regionais e, por conseguinte, sociais no Brasil.

A pesquisa pode ser realizada em grupos de três ou quatro integrantes, que podem elaborar uma apresentação, aos colegas, no formato de aula invertida. Nessa metodologia, convém estimular que os próprios participantes do grupo pensem como vão apresentar a pesquisa, considerando-se os materiais e os recursos que eles gostariam de experimentar. As aulas invertidas podem utilizar desde a lousa da sala de aula até gravações em dispositivos móveis, entre outros recursos do universo digital. A ideia é estimular não apenas a pesquisa, mas também a autonomia para as tomadas de decisões por parte da turma. Essa proposta de atividade assegura a competência específica 1 de História* e a habilidade EF09HI18**, condizentes com a compreensão de acontecimentos históricos, especialmente a respeito desse período no Brasil.

Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura.** São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como a troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela traz exemplos práticos, que refletem sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 9 ago. 2022.

* 1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo (BRASIL, 2018, p. 402).

** (EF09HI18) Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais (BRASIL, 2018, p. 431).

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC:** contexto histórico e pressupostos pedagógicos. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: https://bit.ly/TCT_BNCC. Acesso em: 12 jul. 2022.

Os temas transversais visam apontar a relação entre os diferentes componentes curriculares com as vivências dos estudantes em suas realidades, contribuindo assim para a formação integral, crítica e cidadã dos estudantes brasileiros.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1988.

A obra reúne doze ensaios de Antonio Candido, dentre os quais os canônicos “Literatura e subdesenvolvimento” e “A nova narrativa”. São textos fundamentais para compreender a literatura nacional dos séculos XIX e XX.

COUTINHO, Afrânio. O regionalismo na prosa de ficção. *In: A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: São José, 1955. v. 2.

O ensaio de Coutinho apresenta o conceito de regionalismo a partir de obras relevantes do cânone nacional.

GOTLIB, Nadia Battela. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

O livro apresenta a história das narrativas breves, considerando desde a tradição oral até a consolidação do conto como gênero literário na modernidade. Trata-se de um panorama que elenca o pensamento de alguns dos principais teóricos e escritores que contribuíram para os estudos desse gênero literário.

GRANDE DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/HouaissDic>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Dicionário on-line da língua portuguesa.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: https://bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 3 ago. 2022.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Onze textos curtos nos quais Piglia fala sobre autores como Jorge Luis Borges, faz ligações entre literatura e psicanálise e apresenta o interessante texto “Teses sobre o conto”.